



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E TEORIA DO CONHECIMENTO EM DAVID HUME

Jorgeval Andrade Borges*
(UESB)

Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro**
(UESB)

RESUMO

Este artigo trata da importância e função que a memória possui nos estudos sobre a teoria do conhecimento elaborada pelo filósofo David Hume. Parte da premissa de que a visão sobre a memória formulada por este pensador está diretamente relacionada à sua gnosiologia e representa um rompimento com as concepções medievais e antigas que tratavam a memória de forma mítica e técnica. Neste texto, faz-se uma exposição dos conceitos gnosiológicos formulados por Hume para explicar sua teoria do conhecimento e em seguida apresenta-se o papel da memória dentro do arcabouço teórico criado pelo autor. A idéia central é que a função principal da memória em Hume é ser ordenadora das idéias na mente. Portanto, a memória não tem a perspectiva de criação, mas de organização das idéias, sendo isso um elemento essencial para a existência do pensamento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Teoria do conhecimento; David Hume.

INTRODUÇÃO

O objeto desse artigo é analisar a memória dentro da teoria do conhecimento de David Hume. Parte-se do pressuposto de que a partir da era Moderna a memória se separa da religião e da mitologia para ser tratada dentro de uma teoria do

*Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestrando do curso de Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: jorgeval.aborges@gmail.com.

**Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Pesquisadora e Coordenadora do Grupo Fundamentos da Educação do Museu Pedagógico (UESB). E-mail: apcasimiro@oi.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

conhecimento, que passa a ser a base sob a qual as visões de memória foram construídas pelos filósofos, ou seja, a memória se constituiu como categoria somente com a modernidade.

David Hume parece ter sido o primeiro pensador a tratar a memória como categoria de análise. Foi um filósofo da primeira metade do século XVIII. Nas épocas anteriores a Era Moderna, a memória era concebida em uma dualidade: na forma mística e técnica. Neste contexto, a memória era parte de um conjunto mitológico e, ao mesmo tempo, objeto de técnicas variadas de rememoração (VERNANT, 1990 e. LE GOOF, 2003). Elevar a memória a status de objeto de análise se deve pioneiramente a David Hume, ao tratá-la como categoria em sua teoria do conhecimento.

Esse artigo está estruturado em três pontos. Iniciará com uma exposição da teoria das idéias de Hume, buscando esclarecer as três categorias basilares em que se ancora essa teoria, assim como estabelecer a relação entre elas. Na seqüência, será destacado o caráter e funções da memória nesta teoria das idéias de Hume. No último ponto, amplia-se a compreensão, desta vez em conjunto, da teoria das idéias e da noção de memória em Hume. Nas considerações finais se apresenta uma síntese para enfatizar a importância do conceito de memória na teoria de Hume, almejando demonstrar o quanto a memória é peça chave para o conhecimento humano na opinião do autor.

A relação entre idéia e experiência na teoria do conhecimento de Hume

Neste ponto pretende-se apresentar os fundamentos da teoria humeana do conhecimento, sob a qual se sujeita a concepção de memória elaborada pelo autor. Esta teoria do conhecimento está sustentada em uma teoria das idéias, que a qual será exposta abaixo. Segundo o modelo humeano, com esse pano de fundo da



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

gnosilogia se poderá entender o papel exercido pela memória na produção do conhecimento.

Talvez em nenhum outro pensador a simbiose entre memória e teoria do conhecimento esteja tão evidente como em David Hume. Será dada importância ao esclarecimento de algumas categorias fundamentais da teoria do conhecimento de Hume. Três conceitos são essenciais para se entender o pensamento do autor: percepção, impressão e idéia. A percepção será entendida como o pensamento ou conhecimento humano, as impressões são analisadas com sendo os sentidos e as idéias os conceitos. A teoria de Hume sobre o conhecimento humano é ancorada em uma teoria das idéias. Compreender o que é e como se forma a idéia é o âmago da questão para se entender a gnosilogia humana. E é dessa compreensão que deriva o entendimento do que seja a memória e sua função para este autor.

Para David Hume existem duas formas distintas e relacionadas de conhecimento ou percepção, a saber, impressões e idéias. As impressões são as sensações, paixões e emoções, portanto, os sentidos e sentimentos. As idéias são as imagens tênues das impressões no pensamento. O autor busca neste ensaio estabelecer as interações entre estes dois conceitos, ou seja, sua intenção é apresentar os princípios que regem as relações entre os sentidos e o pensamento humano. A base da gnosilogia humeana é a proposição que afirma ser a idéia uma representação da impressão. A diferença entre impressão e idéia está nos graus de “força e vivacidade” em que afetam o pensamento e não em sua natureza, pois, ambas são fundamentadas na experiência, equivale dizer na necessidade e utilidade que apresentam. Segundo o autor a diferença está entre o sentir e pensar, por isso, as impressões têm mais força no pensamento do que as idéias. As impressões e idéias se apresentam na forma simples ou complexa. As simples não admitem distinção nem separação, enquanto que as complexas podem ser divididas em partes. O pensamento simples é indivisível, sendo o contrário a essência do pensamento complexo. Pode-se



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

afirma que todo pensamento se apresenta duplamente como impressão e idéia, sendo um reflexo da outra, diferenciando-se apenas no grau em que afetam a mente. Isso permite formular a seguinte assertiva: todas as idéias e impressões se assemelham. Estabelece-se uma identidade entre estas duas categorias, sendo que a segunda é entendida como representação exata da primeira.

Como as percepções complexas derivam das simples, e há uma identidade plena entre impressões e idéias simples, pode-se afirmar que as duas espécies de percepções se correspondem de forma exata. Com isto podemos apresentar o primeiro princípio humeano: “todas as nossas idéias simples no seu primeiro aparecimento derivam das impressões simples que lhes correspondem e que elas representam exatamente” (HUME, s/d, p. 32).

A relação de causa e efeito entre impressões e idéias está presente na forte conexão entre as duas categorias, estabelecendo-se a influência de uma sobre a outra. Portanto, existe uma relação de dependência entre estas duas formas de conhecimento. A questão é identificar a ordem desta dependência, ou seja, quem realmente é dependente, a *idéia* ou a *impressão*. Segundo Hume a questão se resolve pela observação da ordem do “*primeiro aparecimento*”. A ordem estabelecida é que as *impressões* simples sempre precedem as *idéias* correspondentes. A *impressão* gera uma *idéia*, mas esta não cria uma *impressão*, apenas a reflete. As *impressões* são causas das *idéias*, entretanto, pode haver um fenômeno contrário em que certas *idéias* precedem as *impressões* correspondentes utilizando-se da imaginação. Como a imaginação é sempre provocada por *impressões* anteriores não muda o princípio da prioridade das *impressões* sobre as *idéias*. As *idéias* são imagens das *impressões*, esta é a fórmula basilar de todo o pensamento humeano.

A questão que está por trás disso é o velho problema da existência ou não de *idéias* inatas, ou seja, se elas existem a priori ou se provêm da sensação e reflexão. A posição do autor é que as *idéias* são transmitidas pelos sentidos e emoções. As *idéias*



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

são precedidas por outras percepções mais vivas, ou seja, as *impressões*. As *idéias* não só derivam das *impressões* como as representam.

Memória como organizadora de idéias na concepção gnosiológica de Hume

Neste ponto se apresentará a concepção de memória em Hume. Para tal se levará em conta a teoria das idéias exposta anteriormente. Compreende-se que o papel da memória para Hume deriva da forma como concebe o processo de formação do pensamento humano.

De acordo com o raciocínio desenvolvido até agora seria lógico sempre localizar de imediato uma *impressão* por trás de uma *idéia*. No entanto, o processo pode se dar de forma mais complexa. Uma vez surgidas das *impressões* as *idéias* se reproduzem. As idéias são imagens ou representações das impressões, mas, existem *idéias* denominadas de secundárias que são imagens de *idéias* primárias. As *idéias* criam imagens de si mesmas em novas *idéias*. Isto não altera a preposição da dependência das *idéias* em relação às *impressões*, visto que todas as *idéias* simples se originam de *impressões* que lhes correspondem, tanto faz se de forma imediata ou mediata.

Para que se possa entender este raciocínio é necessário conhecer a interpretação de Hume sobre as *impressões*, principalmente por ser fundamental para compreensão da sua concepção da memória. A *impressão* se divide em duas categorias: sensação e reflexão. Segundo o autor a sensação tem origem na “alma” e suas causas são desconhecidas, pertencendo ao campo de estudo da anatomia e filosofia natural. A reflexão deriva das *idéias*, sendo seu procedimento de origem o seguinte: uma *impressão* atinge os sentidos e permite a percepção de qualidades (calor, frio, etc.), são assim chamadas de *impressões* de sensação. Desta a mente tira uma cópia que fica após desaparecer a *impressão*. Esta cópia é uma *idéia* que provém



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

desta primeira *impressão*. Ao retornar à “alma” esta idéia produz novas *impressões* denominadas de *impressões* de reflexão, por ser derivada de uma *idéia*. Logo não provêm de uma sensação imediata, mas, de uma reflexão a partir de uma *idéia* já gravada na mente. As *impressões* de reflexão são copiadas pela memória e imaginação, se transformando em novas *idéias*. Essas *idéias* novas surgem a partir da memória e da imaginação e podem gerar outras *impressões* e *idéias*.

Sendo assim pode-se dizer que as *impressões de reflexão* precedem *idéias* produzidas pela memória e são posteriores às *impressões* de sensação de onde são derivadas. Em suma, as *impressões* de sensação geram *idéias* que produzem *impressões* de reflexão que geram *idéias* na memória que, por sua vez, cria novas seqüências de *impressões* e *idéias*. Na origem desse processo de metamorfoses entre *impressões* e *idéias* há uma *impressão* como ponto de partida da percepção. No desenvolvimento desta lógica nota-se *impressões* se originando de *idéias* anteriormente criadas por *impressões* precedentes. Portanto, existe um complexo sistema de transformação de *impressões* em *idéias* e de *idéias* em *impressões* sem, contudo, mudar a lógica da primazia das *impressões*, confirmando a assertiva de que toda *idéia* é derivada de *impressão* anterior, seja analisada em um processo simples ou complexo. As *impressões* de reflexões (paixões, desejos e emoções) têm origem nas *idéias* copiadas ou gravadas pela memória.

Este raciocínio leva a conceber que as *impressões* se repetem na mente. A *impressão* torna-se *idéia* toda vez que volta a aparecer na mente desconectada da primeira sensação que a gerou. Neste retorno à mente, ela se apresenta de duas formas: como memória ou imaginação. Portanto, memória e imaginação são faculdades de repetição das *impressões* na mente. No caso da repetição chamada de memória o processo se dá próximo da forma primitiva original com “grande vivacidade”, sendo considerada uma situação intermediária entre *impressão* e *idéia*.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

No caso da imaginação a forma original se perde e a repetição se torna assim uma *idéia* perfeita.

Na memória as *idéias* se mantêm com mais nitidez, força, vivacidade e durabilidade do que na imaginação. As *idéias* da memória são vivas e as da imaginação são tênues. O comum às duas formas de *idéias* é que são precedidas por *impressões*. O que as diferencia é que as *idéias* da memória ficam presas à *impressão*, enquanto que as *idéias* da imaginação não estão sujeitas à mesma forma e ordem das *impressões*. Portanto, na memória as *idéias* não variam em relação à *impressão* e na imaginação o poder de variação é regra. A memória se destaca pela manutenção do padrão original, a imaginação pela transgressão. A memória mantém a ordem seqüencial das *impressões*, a imaginação não segue esse critério. O papel principal da memória é reter a ordem e posição das *idéias* simples. A imaginação produz a separação entre *idéias* simples e complexas, permitindo a liberdade de fantasiar. A memória é conservadora e a imaginação modificadora. Com isso surge o segundo princípio humeano: “o da liberdade que a imaginação tem para transpor e alterar as suas *idéias*” (HUME, s/d, pg.38).

Diferenciar as funções da imaginação e da memória é importante no raciocínio de Hume. Neste caso, entender o caráter da imaginação é fundamental, pois através da analogia pode-se entender a função da memória para o processo de conhecimento humano. A união entre as *idéias* é o princípio universal que orienta a imaginação. A imaginação pode separar *idéias* simples e uni-las novamente de outra forma, mas, isso não significa que não seja submetida a uma lógica, pois, o contrário implicaria no caos e sua conexão seria obra do acaso. As *idéias* não são soltas e desconectas, pois possuem laços associativos que permitem às *idéias* simples se agruparem em *idéias* complexas. O princípio associativo implica que uma *idéia* induz a outra, está sempre associada à outra. Trata-se de uma lógica de funcionamento que



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

permite indicar apropriadamente quais *idéias* simples podem se agrupar e se tornar *idéias* complexas.

Para se entender a formação das idéias complexas surgidas a partir da *idéia* de substância implica em saber fazer a distinção entre substância e acidente. A substância seria tudo aquilo que não seja acidental no objeto. O autor realiza uma crítica às duas possíveis origens para a substância, as *impressões* de sensação ou de reflexão. Descarta a primeira por não admitir que possa vir dos sentidos (cor, sabor, etc. não são substâncias). Quanto às *impressões* de reflexão também está descartada, pois se resumem às emoções e daí não se deduz nenhuma substância. Neste sentido, realiza uma redefinição da *idéia* de substância considerando que seja somente “uma coleção de qualidades particulares” ou “uma coleção de idéias simples unidas pela imaginação” (HUME, s/d, p.45). Descarta a forma comum de se ver a substância como sendo uma propriedade desconhecida e inerente às coisas e apresenta uma possibilidade de superação desta forma entendendo-a como sendo qualidades unidas pelas relações de contigüidade e causalidade.

A natureza dos modos é diferente. Os modos se formam a partir das idéias simples que estão dispersas em distintos objetos, logo representam qualidades não unidas por contigüidade ou causalidade. Caso estejam reunidas pelo princípio de união, este não é considerado como o fundamento da *idéia* complexa. Estas idéias complexas ao receberem novas idéias modificam o nome modo. Neste sentido, pode-se concluir que a memória tem como função principal organizar as idéias de acordo à seqüência em que se apresentam nas impressões e a função da imaginação é redimensionar estas idéias em princípios associativos. A memória ordena as idéias e a imaginação as associa.. Memória organiza e imaginação une idéias. A partir do processo de organização e associação de idéias sugeridas pela memória e imaginação podemos abordar o último aspecto da teoria das idéias de Hume e conseqüentemente compreender o conjunto de suas formulações sobre o conhecimento humano.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A memória no contexto das idéias abstratas e o papel do hábito na formação do conhecimento humano

Como foi anunciado acima, o autor encerra a elaboração de sua concepção de *idéia* tratando das *idéias* abstratas. Começa estabelecendo a existência de *idéias* gerais e particulares. Com isso apresenta sua segunda proposição, o caráter particular das *idéias* abstratas. Afirma está de acordo ao princípio da identidade entre geral e particular apresentado pelo George Berkeley, ou seja, que as *idéias* gerais são *idéias* particulares com significado mais extenso, a qual permite evocar indivíduos semelhantes.

O dilema da natureza das *idéias* abstratas é saber se representam todas as estaturas e qualidades ou nenhuma em particular. Em outras palavras, as *idéias* gerais fazem abstrações dos graus particulares de quantidade e qualidade? O autor afirma ser corrente defender a segunda posição, ou seja, negar qualquer particularidade nas *idéias* gerais. A abstração seria então antagônica ao particular. O argumento em defesa dessa posição sugere que caso se pense o contrário seria obrigado a aceitar que a mente é infinita. O autor se posiciona a favor da primeira (a de Berkeley, a qual considera uma grande descoberta a respeito do conhecimento humano), portanto, defende que as *idéias* abstratas contêm as particulares.

As premissas dos argumentos do autor são de duas modalidades. Primeiramente afirma que ao conceber uma quantidade ou qualidade já se tem noção dos graus. Em seguida coloca que a mente pode formar simultaneamente uma noção dos graus possíveis de quantidade e qualidade. Portanto, a imperfeição e capacidade limitada da mente estão ligadas ao fato de os objetivos serem condicionados pela utilidade da reflexão e conversação. A imperfeição das *idéias* se localiza no âmbito das necessidades do momento e não na natureza delas. A segunda proposição humeana



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

anunciada acima pode ser agora colocada, com maior clareza, nas próprias palavras do próprio Hume: “a mente não pode formar qualquer noção de quantidade ou qualidade sem formar uma noção precisa dos respectivos graus” (HUME, s/d, p.47).

David Hume reforça esta formulação com três argumentos. Primeiramente, diz que objetos diferentes são distinguíveis e, conseqüentemente, separáveis pelo pensamento. A mente só separa o que é distinguível e só se distingue o que é diferente. O método nada mais seria o fato de se conferir se as abstrações das *idéias* gerais são distinguíveis e diferentes das partes essenciais destas *idéias*. O grau da qualidade não é distinto da qualidade e a única separação a ser feita pela abstração entre *idéia* particular e *geral* é de distinção e diferença e não de natureza, pois estão conjugadas na concepção. A *idéia* surge na mente com um grau exato de quantidade e qualidade e isto não impede que se apresentem outras *idéias* com diferentes graus. O segundo argumento diz que toda *impressão* é determinada em graus de quantidade e qualidade e que a mente tem plena capacidade de receber *impressões* com seus graus ou proporções particulares. Caso contrário existiria a “*mais manifesta de todas as contradições, a saber, que a mesma coisa pode ser e não ser ao mesmo tempo*” (HUME, s/d, p.48).

O autor rejeita este princípio da dialética, parece trabalhar sempre com o princípio da identidade, não aceitando o da contradição. Isso pode ser constatado em sua principal premissa, a da identidade absoluta entre sentido (*impressão*) e raciocínio (*idéia*). Podendo ser conferido na passagem abaixo: “Ora uma vez que todas as *idéias* se originam de *impressões* e não são senão cópias e representações delas, tudo o que é verdade acerca de umas, deve reconhecer-se como verdadeiro acerca das outras. As *impressões* e as *idéias* diferem apenas quanto á força e à vivacidade.” (HUME, s/d, p. 48).

Este princípio de identidade entre sentido e *idéia* não é afetado por qualquer grau particular de variação. Vejamos o que diz ainda o auto: “Uma *idéia* é uma



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

impressão mais fraca, e, visto que uma impressão forte necessariamente deve ter quantidade e qualidade determinadas, o mesmo se deve aplicar à sua cópia ou representante” (HUME, s/d, p. 49).

O terceiro e último argumento a favor da natureza particular da *idéia* geral diz que tudo na natureza é individual. É possível uma *idéia* clara e distinta de uma coisa, pois, segundo o autor, formar uma *idéia* de um objeto e formar uma *idéia* simplesmente é a mesma coisa à medida que a representação da *idéia* de um objeto é uma determinação exterior. Toda *idéia* vem marcada por uma determinação do grau de quantidade e qualidade. Portanto, pode-se concluir que as *idéias* abstratas são individuais, mas sua representação é geral. A imagem (representação ou impressão) de um objeto é particular, a sua aplicação ao raciocínio é universal. Neste sentido, pode-se afirmar que a aplicação das *idéias* extrapola a sua natureza. Com isso, podemos apresentar a terceira proposição humeana a respeito da formação das *idéias*: a união imperfeita dos graus de quantidade e qualidade nas *idéias*.

Uma vez definido o caráter das *idéias* abstratas, ou seja, seu conteúdo no particular, resta refletir sobre o que possibilita a sua existência. Os elementos apresentados até agora não são suficientes para dar conta desta problemática, por isso, entra em análise um novo elemento decisivo na teoria das *idéias* de David Hume, o hábito. O princípio da semelhança entre objetos permite que se coloque um único nome a eles sem levar em conta graus e diferenças. A semelhança apenas permite associar *idéias*, mas não proporciona condições para analisá-la em suas particularidades. O que proporciona o exame das particularidades é o hábito.

Segundo o autor as palavras não despertam as *idéias* de todos os objetos, apenas superficialmente os menciona, mas desperta o hábito de examiná-los. E é o hábito que, ao evocar a *idéia*, permite que a imaginação possa concebê-la em sua particularidade. Os objetos só estão na mente de forma potencial, é a necessidade do momento que permite, junto ao hábito, analisá-los distintamente na imaginação. O



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

processo se dá na seguinte forma: a palavra gera uma *idéia* individual e a partir desta o hábito produz outra *idéia* individual provocada pelo momento. Geralmente é impossível a produção de todas as *idéias* onde se possa aplicar determinado nome, por isso se tem o hábito de abreviar-abstrair. O importante é que quase não gera inconveniente para o raciocínio esta abreviação. Por incapacidade de ter todas as *idéias* ao mesmo tempo e a pouca margem de erro no processo é costume abreviar este trabalho limitando o exame.

O raciocínio que se está desenvolvendo pode ser expresso da seguinte forma: uma *idéia* individual, através do hábito, sugere *idéias* abstratas ou gerais. Isto leva a percepções do tipo exemplificado no triângulo de três lados iguais, pois ao associá-lo a outros modelos observa-se que existem triângulos distintos, no entanto continuam sendo triângulos. O hábito é completo, pois cria condições para realizar associações de uma *idéia* a várias palavras e raciocínios distintos. Uma *idéia* pode então possuir vários significados. Um triângulo é ao mesmo tempo ele e também outras coisas como, por exemplo, uma figura geométrica, etc. Por outro lado, o hábito impede que se extrapole os marcos de uma *idéia*, cumprindo a função de disciplina ou como afirma o autor: “tem a função de vigiar”.

O método para abstração ou elaboração de uma *idéia* geral se apresenta como a formação de uma coleção de indivíduos. Para isso a mente percorre vários indivíduos até formar uma *idéia* geral. Por isso, sempre se terá a *idéia* de um indivíduo toda vez que se tiver uma *idéia* geral. Trata-se da identidade entre geral e particular, isto implica entender que nunca se esgota a *idéia* de indivíduo na *idéia* geral. Por isso, a segunda proposição nas palavras do próprio Hume pode ser apresentada da seguinte forma: “*algumas idéias são particulares pela sua natureza, mas gerais pela sua representação*” (HUME, s/d, p.52).

A união entre uma *idéia* particular com um termo geral é a origem das *idéias* gerais ou da abstração. As bases do método desta associação entre particular e geral



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

são: primeiramente se dá pela experiência, onde o termo geral será aquele que faz conexão ou associação, através do hábito, com várias idéias particulares evocando-as na imaginação. Implica em conceber que as idéias gerais ou abstração são realizadas na imaginação, por ser esta o lugar da associação de *idéias*. Em segundo, através da analogia, que consiste em apresentar exemplos análogos a *idéias* particulares. Portanto, a experiência com o uso da analogia e a prática do hábito são as condições reais da possibilidade de *idéias* abstratas.

A quarta proposição humeana defende a preposição da imperfeição das *idéias*. Recorre-se então a experiência e a analogia como princípios que possam justificar a validade das idéias. Talvez aqui se possa localizar um certo aspecto de ceticismo em Hume, a qual se observa nas seguintes palavras: “Não se pode explicar as causas últimas das nossas ações mentais.” (HUME, s/d, p.52). Porém fica a questão sobre de que forma pode-se superar a imperfeição da *idéia*. Hume apresenta quatro elementos com propriedade de resolução do problema relacionado aos limites das *idéias*. Os raciocínios não apresentam a imperfeição que possuem as *idéias*. Nas *idéias* universais o que se vê claramente são as particulares contidas nelas, mas não seus limites.

O papel da memória neste aspecto é fundamental. Hume relaciona a memória às palavras e aos hábitos. Para ele palavras despertam hábitos e a memória é exercitada ou utilizada pelo hábito. O hábito de decorar permite que uma palavra ou expressão inicial desperte, na memória, o conjunto não lembrado. Isto é um princípio de associação que pressupõe a memória. Embora a memória não tenha a função principal de associar *idéias*, ela pode ser utilizada pelo hábito para este exercício. Portanto, o hábito necessita da memória para unir *idéias*. A memória não une *idéias*, mas é fundamental para que possa acontecer esta união. O hábito necessita da memória para associar *idéias* e, portanto para produzir abstrações. O hábito dá nova função à memória, com isso a memória passa a ser essencial no exercício de abstração



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tanto quanto a imaginação. Esta associação de *idéias* através de palavras é produzida pela memória e o hábito. A faculdade da mente em gravar e o costume de utilizá-la para associar *idéias* se completam na formação de raciocínios. Existe uma unidade entre memória e hábito na produção do pensamento abstrato.

A mente não costuma apresentar todas as *idéias* simples que fazem parte de uma *idéia* complexa. A relação entre *idéias* simples e complexas e a questão da imperfeição das *idéias* estão posta dentro da mesma problemática. As *idéias* complexas são compostas de *idéias* simples e atribuir às *idéias* certas relações é um hábito humano. Segundo o autor é este hábito que permite corrigir imperfeições ou raciocínio absurdos desde que não se pretenda ser cínico ou sofista. Independente das diferenças entre *idéias*, as particulares servem sempre para raciocinar sobre outras *idéias*.

CONCLUSÕES

A teoria do conhecimento de David Hume parte de uma relação de identidade, qual seja entre pensamento e matéria. Para o autor não existe pensamento fora da experiência. Com esta premissa basilar desenvolve uma teoria do conhecimento baseada na lógica do reflexo, ou seja, o pensamento é um reflexo da matéria. Portanto, os conceitos são cópias da matéria. Esta espécie de “teoria do espelho” a respeito da formação dos conceitos concebe o pensamento humano como sendo determinado pela necessidade. O método da analogia se coloca como o único capaz de produzir abstrações, baseado em induções que são limitadas pelo costume, isto é, não será preciso analisar todos os casos para se chegar a uma *idéia* abstrata, pois a prática demonstra que se pode reduzir o número de objetos analisados para se chegar a uma *idéia* geral ou abstrata. Como a capacidade da mente humana apenas



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

reproduz conceitos, ela trata somente de conceitos particulares, individualizados. A possibilidade de um conceito geral abstrato só é possível por conta do hábito ou costume. Na formação dos conceitos e elaboração de raciocínios entra duas instâncias do real: a mente e a cultura. A mente e a cultura interagem na construção do conhecimento, partindo dos conceitos simples para os complexos.

É neste quadro teórico sobre teoria do conhecimento que se inseri o conceito de memória em David Hume. A memória é antes de tudo um elemento do entendimento humano. Neste aspecto possui três características essenciais - reter, ordenar e relembrar conceitos. Quando estas características funcionam isoladas na mente geram apenas *idéias* simples, mas quando são utilizadas pelo hábito produzem *idéias* complexas ou abstratas. Portanto, a memória participa como elemento fundamental no conhecimento, tanto em sua forma simples como complexa. Embora participe na formação do pensamento, a memória não é quem processa o conhecimento, possibilita-o, porém, não é quem o realiza. A imaginação e o hábito ocupam lugar de primazia neste processo, muito embora dependam e estejam relacionados com a memória. A memória tem uma função de reprodução de imagens e não de criação. Representação e imagem de *idéias* estão diretamente associadas à memória, enquanto que criação esta associada à imaginação e ao hábito. Representação, imagem e memória se compõem como uma tríade inseparável, cuja função é possibilitar o entendimento humano. Portanto, quando se refere à memória de um objeto refere-se a sua imagem ou representação.

Ao tratar a memória como conservadora não existe juízo de depreciação no raciocínio de Hume. A característica de conservar as imagens das *impressões* precisamente como são e, especialmente, ter a função de organizá-las na seqüência correspondente a essas impressões, faz da memória elemento fundamental para que a mente possa elaborar *idéias*. No mesmo sentido, quando se refere a importância da memória para o pensamento abstrato, o autor afirma ser a capacidade de registro e



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

de recordação ordenada dos mesmos crucial para elaboração do pensamento complexo. Portanto, sem a memória o hábito nada poderia realizar. Em conseqüência, pode-se concluir que, para David Hume, não há conhecimento humano sem a memória.

REFERÊNCIAS

HUME, David. **Tratado da natureza humana**. Lisboa: edição da Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

_____. **Investigação sobre o entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LE GOOF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.